

Tecnologia da internet no ensino e na pesquisa

Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina

Em 1995 a internet com fins comerciais – o que inclui o uso doméstico – chegou ao Brasil. No mesmo ano, Marcos Palacios deu início ao projeto coletivo de pesquisa “Jornalismo Digital: Teoria e Prática” e tornou-se um dos pioneiros deste campo no país, aliando teoria e prática na revista laboratório Lugar Incomum, primeiro periódico on-line da Bahia e um dos primeiros do gênero em nível nacional. Jornalista profissional, doutor em Sociologia pela Universidade de Liverpool, professor titular de jornalismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA) desde 1998, Palacios é atualmente uma referência na área do jornalismo on-line tanto no Brasil quanto no exterior. Pesquisador do CNPq e com mais de duas décadas de atuação em cursos de pós-graduação, é co-autor do recém-lançado livro *O ensino do jornalismo em redes de alta velocidade*. Nesta entrevista ele fala sobre formação profissional, redes internacionais de pesquisa, jornalismo colaborativo, a chamada web 2.0 e sobre a importância da pesquisa aplicada.

Como sociólogo e jornalista profissional, o senhor costuma defender que a formação de um jornalista tem de ser ampla. Em tempos de jornalismo digital, o que isto significa?

Marcos Palacios: Uma formação ampla em tempos de jornalismo digital continua a ser o mesmo que em tempos analógicos: um jornalista é uma pessoa que, surpreendida em um aeroporto pela chegada não esperada de um Jürgen Habermas ou um José Carreras, é capaz de imediatamente saber de quem se trata e está apta para fazer perguntas um pouco mais inteligentes do que a usual “o que o senhor está achando do Brasil?”.

Um jornalista com formação ampla é uma pessoa sintonizada com o presente, porém, tendo em sua bagagem uma sólida cultura histórica, sociológica, literária. Qualidades de erudição, no sentido positivo do termo, ainda são a marca de um (maduro) bom jornalista. De fato, sem isso, fica difícil ser capaz de conversar tanto com Carreras, quanto com Habermas, com o mesmo sentido de oportunidade, com a mesma capacidade de rápida e corretamente contextualizar a tarefa que se tem pela frente; fica difícil perguntar o que deve ser perguntado e o que pode ser respondido pelo entrevistado, de forma a atender ao interesse público que continua a ser o elemento fundamental a guiar a prática jornalística.

Quanto às técnicas, algumas permanecem, outras aparecem, poucas desaparecem. Há que se fazer uma diferença entre habilidades técnicas permanentes e *sine qua non* – como, por exemplo, a capacidade de produzir um bom texto, de apurar rapidamente uma informação recebida – e técnicas enquanto ferramental auxiliar, ou seja, o uso de um *software* específico ou a capacidade de bem operar um determinado tipo de câmera fotográfica ou gravador digital. Certamente o leque técnico-instrumental do jornalista tende a crescer. Nesse particular, o que me parece ser mais importante é a capacidade de aprender e se renovar. As técnicas ferramentais auxiliares são defasadas por natureza.

Para quem estiver interessado em aprofundar a discussão sobre as competências profissionais e técnicas dos comunicadores digitais, eu recomendo a leitura de um relatório produzido pela Red ICOD, um consórcio de pesquisadores de vários países, que se debruça justamente sobre as transformações das competências profissionais e que está disponível em <http://icod.ubi.pt>

Há doze anos se pesquisa jornalismo digital no Brasil e o senhor foi um dos pioneiros da área. Hoje percebemos que este campo de pesquisa tem sido escolhido por muitos pesquisadores brasileiros. Como analisa este movimento em torno do jornalismo on-line como objeto de estudo?

Há doze anos estávamos confrontados com algo novo. Tratava, em grande medida, de um conjunto de experiências, muito incipientes, de transpor informação jornalística para um suporte que vinha se constituindo como viável para essa prática. A internet funcionava a baixas velocidades e era extremamente limitada em seu alcance e inclusão social. Hoje temos um novo suporte para o fazer jornalístico em plena fase de consolidação, com crescente inclusão de usuários, inclusive nos segmentos sociais menos privilegiados economicamente. Por outro lado, com a tendência de convergência digital, que está marcando a produção jornalística nos últimos três ou quatro anos, fica quase impossível para qualquer estudioso de jornalismo deixar de considerar as redes de alta velocidade como um suporte essencial e de incluí-las quando se desenha o panorama contemporâneo e futuro do fazer jornalístico e de seu lugar enquanto prática social.

Além disso, a prática jornalística na web já está produzindo uma linguagem própria, o que atrai analistas de campos como a Análise de Discurso, Semiótica, Estudos de Gênero etc. Também está produzindo modelos de negócios específicos, atraindo analistas de Administração, Marketing, Publicidade; está descentralizando e modificando relações de produção e padrões de empregabilidade, o que interessa aos analistas da Sociologia, Demografia, etc e está colocando novos problemas para a Ética, Arquivologia, Psicologia. O que há 10 ou 12 anos era novidade faz parte agora dos estudos de nosso cotidiano.

“A prática jornalística na web está descentralizando e modificando relações de produção e padrões de empregabilidade”

O senhor participa e lidera redes nacionais e internacionais de pesquisa em jornalismo digital. Em que estágio se encontra este campo de pesquisa no Brasil?

Nenhum grupo de pesquisa de ponta pode deixar de estabelecer redes nacionais e internacionais de pesquisa que funcionem como um ponto dentro de uma múltipla estrutura que reúne pesquisadores com várias tradições, metodologias e conhecimentos particulares em torno de projetos temáticos comuns. A internet potencializou enormemente as perspectivas de rápida interação entre pesquisadores e a “pesquisa individual” tende, cada vez mais, a ser caracterizada como um sub-projeto de projetos mais amplos e colaborativos, executada segundo sistemáticas e parâmetros previamente estabelecidos no grupo de referência.

Parece inevitável que as agências de fomento, crescentemente, venham a privilegiar financiamentos de projetos que se enquadrem em tais contextos. Em decorrência de minha própria experiência como consultor *ad hoc* e integrante de comissões de julgamento de agências de fomento regionais e nacionais, eu até mesmo diria que o critério de “pertencimento de um projeto a um universo mais amplo e integrativo” já é um critério implícito nas avaliações. É necessário torná-lo plenamente explícito, inclusive para que isso sirva de estímulo à aceleração de constituição de redes de investigação.

Estamos em um patamar, tanto de reflexão quanto de produção efetiva, que nos permite dialogar de igual para igual com colegas de qualquer parte do mundo. O que, aliás, é verdade, igualmente, para outras áreas de pesquisa no Jornalismo e não apenas para o trabalho que se desenvolve em torno do jornalismo em redes de alta velocidade.

Muitas vezes ouvimos em congressos que o jornalismo digital no país é atrasado a partir de argumentos que passam pela comparação de nossos grandes portais com o de veículos argentinos e espanhóis. O senhor participa de redes que englobam pesquisadores destes países. Há fundamento nestas críticas?

Há setores em que a comparação pode não ser desfavorável, mas depende muito do que se está comparando. Há experimentações dignas de nota, aqui como em outros países. Há também, certamente, diferenciais de investimento, com todo o peso que isso traz consigo. De um modo geral, continuo sustentando que temos não “um modelo”, mas “muitos modelos” de jornalismo na web e que, portanto, as comparações devem se processar entre modelos. Não se pode comparar jornais com pretensões nacionais com outros de pretensões e públicos-alvo locais ou regionais apenas porque eles estão na web e a web é global.

É muito importante que quem comande processos de implantação de modelos de produção jornalística na web tenha consciência de que, mesmo estando em um suporte global, nem todo o produto deve ter caráter global, mas antes pelo contrário. Se o noticiário nacional ou internacional já está lá, em algum lugar da web, acessível a quem buscar, por que replicá-lo sem nada acrescentar? As empresas também são muito diferenciadas, algumas participando de conglomerados de mídia e trazendo suas experiências de outros formatos no incipiente processo de convergência que vivemos. De uma maneira geral, avalio que falar em “atraso digital no Brasil”, no caso do jornalismo, é simplificar a questão.

“Avalio que falar em ‘atraso digital no Brasil’, no caso do jornalismo, é simplificar a questão”

Há um encantamento pela tecnologia e há divergências entre os pesquisadores se este avanço tecnológico e a sua popularização poderia levar à própria extinção do jornalista profissional tal como o concebemos hoje. No seu entender, qual é a importância de práticas como o jornalismo colaborativo? Este conceito se sustenta?

Jornalismo colaborativo, em meu entendimento, significa apenas que temos mais vozes com possibilidade de serem ouvidas, aumentando o potencial de abrangência de cobertura, interpretação e contextualização da informação jornalística. Fazer jornalismo não é fazer a somatória, mas a síntese de tais vozes. Extinção do jornalista seria a extinção de tal síntese. Isso é concebível?

Muito se fala sobre a participação do público no jornalismo on-line, mas pouco se estuda o fenômeno da recepção na web. Por que este aspecto tão relevante é tão pouco estudado?

Os estudos de recepção virão a seu tempo. É natural que os estudos dos processos de produção e das especificidades do fazer jornalístico na web ganhassem prioridade nos primeiros anos, em um esforço inicial de mapeamento geral. Além disso, talvez uma das razões para o relativo atraso dos estudos de recepção seja o custo relativamente alto da pesquisa aplicada nesse setor.

Alguns pesquisadores acreditam que o crescimento da chamada web 2.0 levará à inevitável reconfiguração dos meios tradicionais como a televisão, por exemplo. De que modo isto interfere nas práticas jornalísticas?

Não sei se web 2.0 é o melhor referencial aqui. Teríamos primeiro que estabelecer uma

discussão e tentar chegar a um consenso mínimo sobre o que seria web 2.0, pois há muita discussão e pouco acordo entre os estudiosos. Se estamos falando de processos de “criação coletiva” e “inteligência coletiva” – o que é apontado como uma das características da chamada 2.0 – então eu diria que muito pouco pode ser esperado como impacto nos “meios tradicionais”. Quando esse tipo de impacto se fizer sentir, já teremos transitado para uma outra forma de televisão, diferente da “tradicional”. Faustão 2.0? Não há como.

O senhor também foi pioneiro no ensino do jornalismo on-line no Brasil. Que balanço pode ser feito de dez anos deste ensino?

Creio que estamos vivendo um terceiro momento. Em um primeiro momento (nos idos de 1995/2000) tivemos uma sensibilização inicial e a implantação das primeiras disciplinas voltadas para o jornalismo on-line, principalmente sob a forma de optativas sendo acrescentadas aos currículos tradicionais; em um segundo momento, o jornalismo digital passa a ser encarado como integrante mais definitivo da grade, acontecendo a implantação de disciplinas obrigatórias e laboratoriais relacionadas à nova área de produção jornalística (2001/2005); as discussões agora, acompanhando o movimento de convergência observado no jornalismo, volta-se para a necessidade de modificações mais radicais nas formas de ensino e apontam no sentido de que estamos em um momento oportuno para reformas curriculares mais radicais.

Se elas decorrerem ou não das propostas que se encontram atualmente sobre a mesa para

todo o ensino universitário, como o REUNI, é algo que ainda teremos que esperar para ver como fica. Seja como for, mexer e mexer bastante, a curto ou médio prazo, nos conteúdos das grades e nas formas de passar o conhecimento é algo que me parece inevitável. Mas é evidente, igualmente, que diferentes instituições de ensino, no Brasil e em outros países, encontram-se em diferentes lugares ao longo desse percurso de três fases que esbocei. Os ritmos de avanço são heterogêneos, mas o movimento é inevitável.

Ao desenvolver plataformas como o Panapicon, o Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (GJOL), que você lidera, deu um exemplo de pesquisa aplicada. Qual a importância deste tipo de atividade e da articulação com os setores produtivos?

Aprendemos basicamente duas coisas. A primeira é que é importantíssimo que nos dediquemos a esse tipo de pesquisa, para que a experimentação possa seguir florescendo na academia e o ensino do jornalismo avance sem atrelamentos exclusivos ao que se faz no mercado. É importante estar em sintonia com o mercado e formar profissionais que atendam às suas necessidades, mas é também essencial que a experimentação, no nível laboratorial, persiga metas que estejam para além das práticas convencionais de mercado do momento. A segunda coisa que aprendemos é que esse tipo de pesquisa aplicada é cara, envolve necessariamente a colaboração de equipes multi-disciplinares e muitas vezes demanda um nível de suporte técnico que nossas universidades nem sempre estão preparadas para atender.

É importante estar em sintonia com o mercado e formar profissionais, mas é também essencial que a experimentação, no nível laboratorial, persiga metas que estejam para além das práticas convencionais de mercado do momento